

Fernando Molica

O Velho de Camões avisou, Lula

Mais do que se enlevar com o samba-enredo em sua homenagem, o presidente Lula (PT) deveria ter dedicado alguns minutos de seu dia para ler versos clássicos, sábios e prudentes:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiaça.

O alerta está em “Os Lusíadas”, de Luís de Camões — há 454 anos, as estrofes dedicadas às arengas do personagem Velho do Restelo contra as grandes navegações portuguesas servem de aviso aos que se deixam levar pela vaidade.

Com palavras que poderiam servir de inspiração ao ministro do Vai dar M., proposto por Chico Buarque, o Velho alerta Vasco da Gama para o desatino que seria ceder à ambição de, em busca da glória, lançar sua esquadra ao mar:

Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te fama e glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

Lula deveria saber do risco de aceitar a homenagem proposta pela Acadêmicos de Niterói, agremiação novata que, ao optar pela homenagem a Lula, buscou não passar em branco na Avenida.

A direção da escola jura que a escolha do enredo foi uma decisão tomada sem qualquer interferência externa, mas a proposta foi levada até Lula, que gostou da ideia. A hora é essa, Camões:

Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? que histórias?
Que triunfos, que palmas, que vitórias?

Envaidecido, Lula fez como Vasco da Gama, tocou o barco e mandou o Velho comer tremoços e parar de reclamar. Af-

nal, a escola dissera que narraria a saga comandada por Dona Lindu, mãe do presidente. O problema é que o enredo foi além disso, como previu o poeta:

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?

Os autores do samba cometeram o que, no futebol, é chamado de dar um drible a mais. Clonaram trecho do jingle de campanha do presidente, o “Lulalá”, e enfiaram o 13 petista na letra. Diferentemente do Fio Maravilha, de Jorge Benjor, os compositores não tiveram humildade em gol.

O desfile em feitiço de propaganda aticou a oposição, que tratou de recorrer à Justiça Eleitoral. A turma palaciana que joga na redução de perdas entrou em campo e fez como o técnico que, diante da perspectiva de tomar uma goleada, fecha o time na defesa: “Arrecua os arfes pra evitar a catástre!”.

Preocupado, o governo recuou: impediu o desfile de ministros; na última hora, surgiu um cartão vermelho para Janja, mulher do presidente, que chegou ao Sambódromo pronta para subir no carro.

Mas, como qualquer pessoa que conheça um pouquinho de Sapucaí sabe, Carnaval é imprevisível. Não dá para controlar todos os detalhes, desfile não é peça publicitária produzida pelo marqueteiro de plantão.

Focado na Justiça Eleitoral, o Planalto não atentou para o desfile em si e acabou surpreendido com a crítica a evangélicos e à família tradicional. Agora, tenta consertar o que poderia ter evitado se tivesse ouvido as pragas lançadas pelo Velho.

Dizem que risos do antigo habitante do bairro do Restelo têm sido ouvidos nos corredores do Palácio da Alvorada. Parece que, de vez em quando, o próprio fantasma recita alguns versos, com seu acentuado sotaque luso. Com jeito, dá até pra virar letra de samba-enredo:

Buscando o incerto e incógnito perigo,
Por que a fama te exalte e te lisonje,
Chamando-te senhor com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!

Tales Faria

Governo, avalia que reduziu danos

Só restava aos articuladores políticos e de comunicação do governo atuar para reduzir danos. Essa era a avaliação dos principais auxiliares do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e da cúpula do PT, desde o momento em que a Acadêmicos de Niterói anunciou a homenagem ao petista.

É que imediatamente parte do governo se empolgou com a ideia, incluindo a primeira-dama, Janja Lula da Silva. Ela chegou a participar de ensaios da escola de samba junto com integrantes do primeiro escalão e planejou desfilar em carro alegórico.

De início, até o presidente achou que seria uma boa ideia, o que dificultava ainda mais a estratégia daqueles que enxergavam perigo de se fornecer argumentos à oposição para acusar o governo de antecipação da campanha pela reeleição de Lula.

O ministro da Comunicação, Sidônio Palmeira, foi uma das vozes internas a alertar para o perigo. Não foi fácil convencer Lula a desmontar o esquema que estava sendo preparado.

Mas o presidente deixou que Sidônio vetasse a participação de integrantes do primeiro escalão no tal carro alegórico reservado aos amigos do presidente. Estavam previstos pelo menos cinco ministros. A participação ficou restrita a aliados sem mandato e sem cargos públicos.

Foi usado um parecer da AGU (Advocacia-Geral da União) orientando os ministros a evitarem o desfile. E até a direção do PT foi acionada para instruir militantes a não pedirem votos durante o desfile, o que caracterizaria crime eleitoral.

Por fim, quando Lula e Janja chegaram na avenida e foram recebidos com aplausos, mas também com vaias, foi possível convencer Janja a não desfilar.

Agora a estratégia para continuar a tentar reduzir os danos é explicar que a escola foi rebaixada não porque o presidente

seja “pé frio”, mas porque era praticamente inevitável.

O argumento é de que nos últimos 35 anos, só quatro escolas que abriram o Grupo Especial se mantiveram: Mocidade Independente de Padre Miguel, em 2005; Salgueiro, em 2006; União da Ilha, em 2010; e Imperatriz Leopoldinense, em 2022.

A Liga das Escolas de Samba também estabeleceu que apenas uma escola sobe e uma desce. Isso reduziu as chances de mudança na composição do Grupo Especial, promovendo a chamada “maldição da 1ª escola” quem sobre do grupo de acesso e abre o desfile na elite tem mais chances de retornar à segunda divisão.

Ficou para os políticos encontrar agora o discurso mais apropriado para o embate com a oposição. O vice-líder do PT na Câmara, deputado Rogério Correia (MG), já encontrou seu mote. Segundo Correia, em vez de prejudicar o presidente, o desfile da Acadêmicos de Niterói o fortaleceu.

“Foi um belo desfile, muito corajoso e, principalmente, com respaldo popular muito grande mostrado nas arquibancadas. Acho que do ponto de vista do presidente Lula ele sai mais forte”, disse, aproveitando para dar uma estocada nos bolsonaristas:

“Ficou evidente que não teve interferência do Planalto. Fosse o governo anterior, tentaria influir na decisão dos juizes para não haver rebaixamento.”

O líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), ao ser perguntado se houve ingerência política da Liga das Escolas de Samba sobre o resultado, respondeu:

“Prefiro manter tudo no campo do Carnaval. A homenagem foi linda e merecida. Já as notas, dependeram dos jurados. Não vou entrar em teorias da conspiração. Aqui na Bahia e no Rio, foi tudo maravilhoso.”

Alexandre Garcia

Supremos versus STF

A cada vez que seus ministros ferem a Constituição e o devido processo legal, o Supremo também tem sido ferido. E quando, a cada ferimento, não havia reação do órgão fiscalizador, o Senado, nem da mídia, porta-voz da origem do poder, o povo, os ministros do Supremo iam se sentindo não apenas supremos, mas absolutos, não permitindo, através do panrelator Moraes, vozes rebeldes no mundo digital. Repressão foi imposta para mostrar poderes absolutos, convencendo-se, ainda mais, de que são deuses. Usaram como instrumento de auto-proteção o “inquérito do fim do mundo”, criado por Toffoli, que entregou a espada ungida a Moraes. Cidadanias foram decepadas na guilhotina do inquérito e integrantes do Supremo ressuscitaram o absolutismo. Abolido na Inglaterra em 1215, poderia vigorar num país ignorante e interesseiro como o Brasil. E foram além.

Além de mudar a Constituição e as leis, de impor o arbítrio, celebraram, com aplausos em gabinete, a cada vez que alguém era condenado por ousar se rebelar. Frase em batom em estátua de granito se tornou crime com 14 anos de pena. Essa foi a referência para impor a reverência. Mas se enganaram com a mídia, pensando que ela os apoiava na “cruzada”, quando ela só apoiava a prisão de Bolsonaro. E Moraes deve saber que tudo o que se diz sobre o Tayayá está se dizendo sobre o contrato de 130 milhões. São como sinônimos. Bastou uma estocada do esgrimista Trump para desequilibrar o castelo de cartas. Percebendo o iceberg, Barroso abandonou o Titanic.

A nota conjunta dos dez poderia ter o título de “Barata Tonta”. Declaram que Toffoli está acima de qualquer suspeita ou impedimento. Mas ele pede para sair. Nenhum relator sai sem motivo previsto no regimento. Ou sai por suspeição ou sai por impedimento. A nota é um paradoxo. (Também contém um pleonasma: “Nota oficial dos dez Ministros” - ora, se é de governo, é oficial.) Pois bem, os dez assinam que Toffoli está acima de qualquer suspeita. Ora, o novo relator, André Mendonça, também assinou que Toffoli está acima de qualquer suspeita. Logo, passou um nada consta válido até 12.2.26. Anistiou? Além disso repetiu palavras de Fux, gravadas na reunião secreta e divulgadas pelo Poder 360: “a palavra do Ministro Toffoli tem fé pública”. Quem gravou? Só estavam lá, a portas fechadas, os dez ministros. Gravou e entregou - ou fez chegar - ao Poder 360, uma agência com credibilidade. Quem traiu o espírito-de-corpo sob o qual os dez se uniram e se protegem? Eis aí outra bomba implosiva na autodestruição do colegiado.

Rodrigo Pacheco e David Alcolumbre poderiam ter evitado esse vexame, mas foram inertes. O Aurélio diz que quando não se cumpre o dever, o verbo é prevaricar. Os requerimentos estão lá no Senado e são dezenas. E já que O Ministro André Mendonça está refém do impasse criado ao endossar a nota dos dez, avoluma-se a responsabilidade do Senado. A alternativa é investigar, numa comissão de inquérito, aproveitando achados da polícia Federal. Depois, se for o caso, julgar, como é da competência do Senado. Aliás, o Senado é responsável ab ovo, desde a sabatina que escrutina a principal exigência: “notável saber jurídico”. Quem rodou em dois concursos para juiz, já demonstrava ausência de notável saber jurídico. Mas a sabatina aprovou Toffoli por 20 a 3. O que começa mal, termina pior.